

3. TRADUÇÕES INÉDITAS DE LACAN

AS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE

13 de Novembro de 1957

(2o seminário)

Jacques Lacan

Voltemos à nossa exposição no lugar onde a tínhamos deixado na última vez, isto é, no momento em que, Hirsch-Hyacinthe, falando ao autor de Reisebilder que ele encontrou nas termas de Lucca, lhe diz: "Tão verdadeiro como Deus deve me dar tudo o que há de bom é o fato que estava sentado exatamente como um igual, totalmente familiarmente".

Este é pois o ponto de partida, a palavra familiarmente que, em suma, foi bem sucedida; ela é conhecida pelo ponto de partida que Freud aproveitou.

É, pois, por aí que reiniciamos, e é ali que vou já procurar mostrar-lhes a maneira como Freud aborda o trait d'esprit. A análise é importante para nosso propósito.

Com efeito, a importância desse ponto exemplar é a de nos manifestar, já que, infelizmente, isso é necessário, de modo não duvidoso, a importância do significante no que podemos chamar com ele os mecanismos do inconsciente.

Evidentemente é muito surpreendente ver já que o conjunto dos que não são preparados especialmente pela sua disciplina - refiro-me aos neurologistas - à medida que eles se defrontam com o tema delicado da afasia, isto é, do déficit da palavra, fazem, a cada dia, progressos substanciais no tocante ao que se pode chamar de sua formação linguística, mas que os psicanalistas cuja arte e técnica se baseiam no uso da palavra, até o presente momento não levaram isso em consideração, ao passo que o que Freud mostra não é apenas uma espécie de referência humanista manifestando sua cultura ou suas leituras no tocante ao que pertence ao domínio da filologia, mas uma referência absolutamente interna, orgânica.

Já que espero de vocês, desde a última vez, pelo menos a maior parte de vocês, devem ter aberto "Le Mot d'Esprit et l'Inconscient", vocês podem perceber que sua referência à técnica do mot d'esprit considerada como técnica de linguagem é precisamente aquilo ao redor de que gira sempre sua argumentação, e que se o que faria sentido no mot d'esprit é alguma coisa que parece merecer ser aproximado do inconsciente - não é, eu o lembrarei, senão tudo o que eu tenho a dizer sobre o trait d'esprit se relaciona com ela - posto que na sua função mesma de prazer que gira sempre e unicamente em razão das analogias de estrutura que só se concebem no plano linguístico, analogias de estrutura entre o que ocorre no mot d'esprit, eu quero dizer o lado técnico do mot d'esprit, deixemos o lado verbal do mot d'esprit, e o que ocorre sob nomes diversos, que Freud descobriu, momentos sob os nomes diversos, o que é o mecanismo próprio do inconsciente, a saber, os mecanismos tais como condensação, deslocamento, eu me limito a estes dois para hoje.

Eis, pois, onde nos encontramos: Hirsch-Hyacinthe, falando a Heinrich Heine (1), ou Hirsch-Hyacinthe, ficção de Heinrich Heine (1), conta o que lhe aconteceu, alguma coisa que ocorreu na partida, para nos limitar apenas a esse segmento que acabo de isolar, alguma coisa de muito nítido, soerguendo, de algum modo, para colocá-lo sobre uma bandeja, exaltando o que vai vir, essa invocação à testemunha universal e às relações pessoais do sujeito com essa testemunha, isto é, Deus.

1

"Tão verdadeiro como Deus me deve todos os bens", o que é algo incontestavelmente ao mesmo tempo significativo pelo seu sentido e irônico pelo que a realidade pode aí revelar de imperfeito, mas a partir daí a enunciação se faz: "estava sentado ao lado de Salomão Rothschild, exatamente como um igual". Eis o surgimento do objeto: este "exatamente" traz em si alguma coisa que é bastante significativa. A cada vez que invocamos o "exatamente", a totalidade, é que não estamos completamente certos que essa totalidade seja verdadeiramente fechada, e, com efeito, isso ocorre em muitos níveis, e eu direi mesmo em todos os níveis do uso dessa noção de totalidade.

Aqui, com efeito, ele recomeça sobre esse "exatamente" e ele diz: "exatamente..." e aqui se produz o fenômeno, a coisa inesperada, o escândalo da enunciação, a saber, essa mensagem inédita, esse algo que não sabemos ainda de que se trata, que nós não podemos ainda nomear, e que é "... familionário", alguma coisa que nós não sabemos se é um ato fracassado ou um ato bem sucedido, um deslizamento ou uma criação poética. Vamos vê-lo. Pode ser tudo ao mesmo tempo, mas convém precisamente deter-se na formação no mais estrito plano significante, do fenômeno do que vai a seguir ser retomado.

Vou dizê-lo a vocês, e já anunciei na última vez: numa função significante que lhe é própria na qualidade de significante escapando do código, isto é, a tudo aquilo que até agora acumulou-se como formações do significante nas suas funções de criação de significado. Aí encontra-se alguma coisa de novo que aparece, que pode ser atado à própria mola do que se pode chamar de progresso da língua, sua mudança.

Convém, de início, determo-nos sobre esse algo na sua formação mesma, eu quero dizer, no ponto em que isso se situa em relação ao mecanismo formador do significante. Convém determo-nos aqui para poder mesmo validamente continuar no que vai se revelar como sendo as seqüelas do fenômeno, até mesmo seus acompanhamentos, até mesmo ocasionalmente suas fontes, seus pontos de apoio. Mas o fenômeno essencial é esse nó, esse ponto onde aparece esse significante novo, paradoxal, esse "familionário" de onde Freud parte e ao qual ele volta incessantemente, no qual ele nos pede para parar, ao qual vocês o verão, até o final de sua especulação sobre o *trait d'esprit*, ele não perde a oportunidade de voltar como designando o fenômeno essencial, o fenômeno técnico que especifica o *mot d'esprit*, e que nos permite discernir o que é o fenômeno central, aquilo por meio de que ele nos ensina no plano que é nosso plano próprio, a saber, relações com o inconsciente, e que nos permite também pela mesma oportunidade projetar a luz de uma nova perspectiva sobre tudo que o rodeia, tudo o que o leva naquilo que pode ser chamado de as "Tendenzen", uma vez que é o termo "Tendenzen" que é empregado nessa obra, desse fenômeno de radiações diversas, ao cômico, ao riso, etc...; fenômenos que podem irradiar dele.

Vejamos agora familionário. Há várias maneiras de abordar esse termo. Esta é a finalidade, não somente desse esquema, mas desse esquema assim como ele lhes é dado para lhes permitir inscrever aos planos diferentes da elaboração significante, a palavra elaboração sendo escolhida aqui especialmente, já que sendo escolhida aqui expressamente uma vez que Freud a menciona especialmente.

Examinemos isso, e, para não lhes surpreender muito, vejamos em que sentido isso se dirige, o que ocorre quando familionário aparece? Pode-se dizer que alguma coisa aí se indica que nos sentimos como uma intenção que vai nesse sentido; alguma coisa tende a surgir daí que é alguma coisa de irônico, até mesmo satírico, alguma coisa também que aparece menos, mas que se desenvolve, por assim dizer, nos contragolpes do fenômeno, no que vai se propagar no mundo depois. É uma espécie de surgimento de um objeto, ele, que vai mais para o cômico, para o absurdo, para o não-senso. É o familionário considerado como a derrisão do milionário, que tende a assumir a forma de figura, e pouco seria preciso para indicar-lhes em que direção, com efeito, ele tende a se encarnar.

Aliás Freud assinala em passant que em alguma parte também Heinrich Heine, redobrando seu mot d'esprit, chamará o milionário de o "Millionarr", o que, em alemão, quer dizer o louco milionário, ou, como poderíamos traduzir, aliás, em francês, na continuação e na linha de substantivação do familiar de quem eu falava ainda há pouco, o "fat-millionaire" com traço de união [presunçoso-milionário]. Isso serve para dizer-lhes que esta é a aproximação que faz com que nós não fiquemos inumanos.

Não convém ir muito mais adiante porque, para dizer a verdade, não é o momento, é justamente o tipo de passo que não deve ser apressado, a saber, não entender muito depressa visto que quando se entende muito depressa, não se entende absolutamente nada. Isso não explica, mesmo assim, o fenômeno que acaba de ocorrer na frente dele, a saber, como se relaciona ao que podemos denominar a economia geral da função de significante.

Agora é bem preciso que eu insista para que vocês todos tomem conhecimento do que escrevi naquilo que chamei de "A instância da letra do inconsciente", a saber, os exemplos que dei, nesse texto, das duas funções que chamo de funções essenciais ao significante, já que é por elas que por assim dizer, a relha do significante cava no real o que se cham de significado, o evoca literalmente, o faz surgir, o manipula, o gera; a saber, as funções da metáfora e da metonímia.

Parece que, para alguns, é meu estilo, digamos, que barra a entrada desse artigo. Sinto muito. Primeiro, não posso fazer nada, meu estilo é como ele é. Peço-lhes que façam um esforço a este respeito, mas gostaria simplesmente de acrescentar que quaisquer que sejam as deficiências que possam intervir por minha causa, há também, todavia, nas dificuldades desse estilo, talvez consigam percebê-lo, alguma coisa que deve responder ao próprio objeto de que se trata.

Se se trata, com efeito, a propósito das funções criadoras que o significante exerce sobre o significado, de falar disso de uma maneira válida, a saber, não apenas simplesmente falar da palavra, mas falar da fluência da palavra, por assim dizer, para evocar suas próprias funções, talvez a continuação de minha exposição deste ano lhes mostre que há necessidades internas de estilo, a concisão por exemplo, a alusão, até mesmo a farpa que são talvez elementos essenciais bem decisivos para ingressar numa área cujas entradas comandam, assim como toda a textura.

Voltaremos pois ao assunto mais adiante a propósito exatamente de um certo estilo que não hesitaremos mesmo em chamar pelo seu nome, por mais ambíguo que possa parecer, a saber, o maneirismo [maniérisme]. Procurarei mostrar-lhes o que ele tem por trás dele, não somente uma grande tradição, mas uma função insubstituível.

Isto é apenas um parêntese para voltarmos ao meu texto. Nesse texto vocês verão que o que eu chamo, depois de outros - foi Roman Jakobson que a inventou - , a função metafórica e a metonímica da linguagem estão ligadas a alguma coisa que se exprime muito simplesmente no registro do significante, cujas características do significante são, como já enunciei diversas vezes no decorrer dos anos anteriores, as da existência de uma cadeia articulada e, como acrescentava nesse artigo, tendendo a formar agrupamentos firmes, isto é, formados de uma série de anéis prendendo-se uns aos outros para formarem cadeias, as quais, por sua vez, se prendem em outras cadeias como se fossem anéis, o que é um pouco evocado também pela forma geral desse esquema, mas que não é diretamente apresentado.

A existência dessas cadeias na sua dupla dimensão implica nisto: que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões, a que se pode chamar de combinação, continuidade, concatenação da cadeia, e a das possibilidades de substituição sempre implicadas em cada elemento da cadeia.

Este segundo elemento, absolutamente essencial, é aquele que, na definição linear que Freud dava da relação do significante e do significado, é o que está omitido. Em outras palavras, em todo ato de linguagem a dimensão diacrônica é essencial, mas há uma sincronia implicada, evocada pela possibilidade permanente de substituição inerente a cada um dos termos do significante. Em outras palavras, são as duas relações que eu vou lhes indicar :

- F (S... S') s - diacronia/metonímia

+ F (S') S - sincronia/metáfora
S

uma dando o elo da combinação do elo do significante, e a outra a imagem da relação de substituição sempre implícita em toda articulação significante.

Não é necessário ter extraordinárias possibilidades de intuição para perceber que deve existir, pelo menos, alguma relação entre o que acabamos de ver se produzir e o que Freud esquematiza no tocante à formação do familionário, a saber, em duas linhas diferentes: "estava sentado... etc... de uma maneira totalmente familionária" e, abaixo, "milionário". Freud acrescenta: o que isso pode significar? Isso pode significar que alguma coisa caiu, que foi eludida, isso significa, na medida em que possamos permiti-lo ou que possamos realizá-lo ou consegui-lo, um milionário. Alguma coisa caiu na articulação do sentido, alguma coisa ficou, o milionário. Alguma coisa ocorreu que comprimiu, embutido um no outro, o familiar e o milionário, para produzir o "familionário".

Há, pois, aí, alguma coisa que é uma espécie de caso particular da função de substituição; caso particular do qual, de algum modo, ficam vestígios. A condensação, se quiserem, é uma forma particular do que pode se produzir ao nível da função de substituição.

Seria bom que desde já vocês tenham em mente a longa exposição que fiz em torno de uma metáfora, a do feixe [NT: de trigo] de Booz [NT: de Victor Hugo]:

"Seu feixe não era avarento nem odiento"

mostrando que é o fato que seu feixe substitui o termo Booz, em que constitui aí a metáfora, e que graças a essa metáfora alguma coisa em torno da figura de Booz surge, que é um sentido, o sentido do advento de sua paternidade, com, até mesmo, tudo o que em volta pode irradiar e respingar disso pelo fato que ele chega a tal, mas vocês bem se lembram, de uma maneira inverossímil, tardia, imprevista, providencial, divina, que é precisamente essa metáfora que está presente para mostrar esse advento de um novo sentido em torno do personagem de Booz que disso parecia excluído, prescrito, e que é também nesta relação de substituição essencialmente que devemos vê-lo, a mola criadora, a força criadora, a força de gerar, é o caso de dizer, da metáfora.

Isso é uma função muito geral, diria mesmo que é por aí, que é por essa possibilidade de substituição que se concebe a geração mesmo, por assim dizer, do mundo, do sentido, que toda a história da língua, a saber, as mudanças de função graças às quais uma língua se constitui, que é ali e não em outro lugar que devemos apreendê-la; que se, por acaso, houvesse a possibilidade para nós de dar uma espécie de modelo ou de exemplo do que é a gênese do aparecimento de uma língua nesse mundo inconstituído que o mundo poderia ser antes que se falasse, devemos supor que alguma coisa de irreduzível e de original que é, seguramente, o mínimo de cadeias significantes, mas um certo mínimo sobre o qual não insistirei hoje, embora fosse conveniente falar a respeito. Mas eu já lhes dei

4

bastante indicações a esse respeito, sobre este certo mínimo, posto que é pela via da metáfora, a saber, do jogo da substituição de um significante por outro, em determinado lugar, que se cria não somente a possibilidade de desenvolvimento do significante, mas a possibilidade de surgimento de sentidos sempre novos, tendendo sempre a ratificar, para complicar e para aprofundar, para dar seu sentido de profundidade ao que no real é apenas pura opacidade.

Eu os deixo à procura de um exemplo disso para ilustrar o assunto, o que se pode chamar o que ocorre na evolução do sentido, e como sempre mais ou menos ali encontramos esse mecanismo da substituição. Como sói acontecer nesses casos, eu aguardo meus exemplos do acaso. Este exemplo não deixou de ser-me fornecido por alguém das minhas relações mais próximas, por alguém que, ao fazer uma tradução, tivera de procurar no dicionário o sentido da palavra "atterré" e que já havia ficado surpreso ao pensar que nunca havia entendido bem o sentido desta palavra "atterré" ao constatar que, contrariamente ao que essa pessoa pensava, "atterré" não tem originariamente e em muitos de seus empregos, o significado de dominado pelo terror, mas sim de jogado por terra.

Em Bossuet [NT: Corresponderia, no Brasil, ao Pe. Antônio Vieira], "atterrer" significa literalmente jogar por terra e, em outros textos, um pouco posteriores, vemos se precisar esta espécie de peso do terror. Quanto a nós, diríamos incontestavelmente que os puristas contaminam, desviam o significado da palavra "atterré". Mesmo assim os puristas, aqui, estão errados, não há nenhuma espécie de contaminação e mesmo se, de repente, após ter-lhes lembrado este significado etimológico da palavra "atterré", alguns de vocês podem pensar que "atterré" não é evidentemente outra coisa senão dirigir para a terra, fazer tocar a terra, colocar tão baixo como a terra, rebaixar até a terra, em outras palavras, consternar; mesmo assim o uso corrente da palavra implica este segundo plano de terror.

O que significa isso? Isso significa que se partirmos de alguma coisa que tem uma certa relação com o significado originário por pura convenção, porque não há, em parte alguma, origem da palavra "atterré", mas que seja a palavra "abattu" [abatido] na medida em que evoca, com efeito, o que a palavra "atterré" nesse significado pretensamente puro poderia evocar para nós, a palavra "atterré" que lhe é substituída, de início, como uma metáfora, uma metáfora que não parece ser uma porque partimos dessa hipótese que, originariamente, significam a mesma coisa: jogar por terra ou contra a terra, é isso que peço que vocês observem, não é por isso que "atterré" mude de algum modo o significado de "abattu" que ele vai ser fecundo, gerador de um novo significado, a saber, o que significa algum "atterré". Com efeito, é um novo significado, é uma nuance, não é a mesma coisa que "abattu" e, por mais que implique um terror não é tampouco "terrorisé" [aterrorizado], é alguma coisa nova.

Desta nova nuance de terror que isso introduz no sentido psicológico e já metafórico que a palavra "abattu" tem, porque psicologicamente nós não estamos nem "atterrés" nem "abattus" há alguma coisa que nós não podemos dizer enquanto não houver palavras, e essas palavras procedem de uma metáfora, a saber, o que ocorre quando uma árvore está sendo abatida, ou quando um lutador é abatido, jogado por terra, segunda metáfora.

Mas observem que não é absolutamente porque originariamente é nisto que reside o interesse da coisa, que a sílaba "ter" que se encontra em "atterré" quer dizer terror que o terror é introduzido; que, em outras palavras, a metáfora não é uma injeção de sentido como se fosse possível, como se os sentidos estivessem em alguma parte, onde quer que seja, num reservatório. A palavra "atterré" não traz significado por ter uma significação, mas por ser significante, isto é, que tendo o fonema "ter" ele tem o mesmo fonema que está em terror. É pela via significante, é pela via do equívoco, é pela via da homonímia, isto é, da coisa mais sem sentido que seja que ele vem gerar essa nuance de sentido, que ele vai introduzir, que ele vai injetar no sentido já metafórico de "abattu" essa nuance de terror.

Em outras palavras, é na relação S , isto é, de um significante para um
S
significante, que vai se gerar uma certa relação S , isto é, significante sobre significado.
s

Mas a distinção dos dois é essencial, está na relação de significante a significante, em alguma coisa que liga o significante daqui ao significante que está lá, isto é, em alguma coisa que é a relação puramente significante, isto é, homonímica de "ter" e de "terror" que vai poder se exercer a ação que é a geração de significação, a saber, nuançamento pelo terror do que já existia como sentido numa base já metafórica.

Isto, pois, exemplifica o que ocorre ao nível da metáfora. Gostaria apenas de lhes indicar alguma coisa que vai lhes mostrar como isso vai ao encontro, por um início de trilha, de alguma coisa que vai ser muito interessante do ponto de vista do que vemos ocorrer no inconsciente.

Tudo, assim, ao nível de fenômenos de criação de sentido normal pela via substitutiva, pela via metafórica que preside à evolução e à criação da língua, mas, ao mesmo tempo, à criação e à evolução do sentido como tal, eu quero dizer, do sentido considerado não somente como percebido, mas que o sujeito se inclui nele, isto é, na medida em que o sentido enriquece nossa vida.

Quero simplesmente que vocês observem isto: indiquei-lhes já que a função essencial de significante sílaba-gancho "ter", isto é, de alguma coisa que devemos considerar como puramente significante, da reserva homonímica com a qual trabalha, quer nós o vejamos ou não, a metáfora.

O que mais ocorre? Não sei se vocês vão entender bem, imediatamente, mas vocês entenderão melhor quando virem o desenvolvimento. É apenas um início de uma via essencial. É que, em toda a medida em que se afirma ou se constitui a nuança de significação "atterré", essa nuança, observem bem, implica certa dominação e certo amansamento do terror. Aquele terror não é meramente nomeado, mas ele é, todavia, atenuado, e é o que permite conservar, aliás, para que vocês continuem a manter no seu espírito a ambiguidade da palavra "atterré". Afinal, vocês pensam que "atterré" tem com efeito, relação com a terra, que o terror, nesse termo, não está completo, que o abatimento, no sentido em que é para vocês sem ambiguidade, conserva seu valor prevaemente, que é somente uma nuança, que, em resumo, o terror é uma meia-sombra nessa ocasião.

Em outras palavras, é bem na medida em que o terror não é encarado, é considerado pelo viés intermediário da depressão, que o que ocorre é completamente esquecido até o momento em que, já lembrei-lhes, o modelo como tal fica totalmente fora do circuito. Em outras palavras, em toda a medida em que a nuança "atterré" se estabeleceu no uso em que ela se tornou sentido e uso de sentido, o significante é presentificado, pronunciemos a palavra: o significado é recalcado propriamente dito. Em todos os casos, assim que se estabeleceu na sua nuança atual o uso da palavra "atterré", o modelo, salvo recurso ao dicionário, ao discurso culto, não está mais à sua disposição. A propósito da palavra "atterré", ela é como "terre" [NT: "terra"], recalcada.

Eu me adianto agora um pouco demais porque é um modo de pensamento ao qual vocês ainda não estão acostumados, mas creio que isto nos evitará um regresso. Vocês vão ver até que ponto o que denomino de começo das coisas se acha confirmado pela análise dos fenômenos.

Voltemos aos nosso familionario, ao ponto de junção, portanto, ou de condensação metafórica onde o vimos se formar.

A esse nível, separar a coisa de seu contexto, a saber, já é Hirsch-Hyacinthe, isto é, o espírito de Heinrich Heine [NT: Henri Heine do policopiado "original"] que o gerou, iremos procurá-lo ulteriormente muito mais longe na sua gênese, nos antecedentes de Heinrich Heine, nas relações de Heinrich Heine com a família Rothschild. Seria até preciso reler toda a história da família Rothschild para ter certeza de não errar, mas ainda não chegamos lá.

Por ora estamos em familionário. Vamos isolá-lo um instante. Estreitemos o máximo possível o campo de visão da câmara em torno desse familionário. Ele bem que poderia ter nascido em outro lugar que não seja a imaginação de Heinrich Heine; talvez Heinrich Heine o tenha fabricado em outro momento que no momento em que ele estava diante de seu papel branco e com a pena na mão; talvez tenha sido numa noite de suas deambulações parisienses que evocaremos que isso lhe veio à mente, assim. Existem até todas as possibilidades que fosse num momento de cansaço, de crepúsculo. Em suma, esse familionário poderia ser também um lapso, é perfeitamente concebível.

Já mencionei um lapso que havia recolhido, florescendo na boca de um de meus pacientes. Conheço outros, mas voltarei àquele porque é preciso sempre voltar para as mesmas coisas até que sejam bem gastas, e, depois, passa-se para outra coisa. É o paciente que, enquanto conta a sua história no meu divã, ou suas associações, evocava o tempo em que com sua mulher que ele havia finalmente esposado perante o senhor prefeito, ele não vivia senão "maritablement" [NT: "maritavelmente". "Maritalment" seria o usual: "maritalmente"].

Todos vocês já viram que isso pode se escrever "maritalment", o que quer dizer que a gente não está casado, e, subjacente, alguma coisa na qual se adjunta perfeitamente a situação de casados e dos não-casados, "misérablement" [NT: "miseravelmente"]. Isso dá "maritablement" [NT: "maritavelmente"]. Não é dito, é muito melhor do que dito. Vocês vêem até que ponto a mensagem ultrapassa não aquele a quem chamaria o mensageiro, pois é realmente o mensageiro dos deuses que fala pela boca desse inocente, mas ultrapassa o suporte da palavra; o contexto, como diria Freud, exclui totalmente que meu paciente tenha feito um "dito expirituoso" [NT: "mot d'esprit". Fica convencionalizada a tradução "dito expirituoso" para "mot d'esprit" e "trocadilho" para "trait d'esprit" até que surja outra que nos pareça mais adequada para distinguir ambos os usos por Lacan.] e, com efeito, vocês não o conheceriam se, nessa oportunidade, eu não houvesse sido o Outro com um O maiúsculo [NT: A, de Autre], isto é, o ouvinte, e o ouvinte não somente atento, mas o ouvinte ouvindo [NT: "l'auditeur entendant", "o ouvinte ouvindo" ou "o ouvinte entendendo"], no verdadeiro sentido do termo. Mesmo assim, colocado no seu lugar, justamente no Outro, é um "dito expirituoso" particularmente sensacional e brilhante.

Desta aproximação entre o "trocadilho" e o lapso Freud dá inúmeros exemplos em "A Psicopatologia da Vida Cotidiana", e, oportunamente, ele próprio a ressalta, e justamente mostra que se trata de algo que é tão vizinho do "dito expirituoso" que ele é forçado ele próprio a dizer, e somos forçados a acreditar na palavra dele, que o contexto exclui que o ou a paciente haja feito esta criação com o propósito de "dito expirituoso".

Em algum lugar da "Psicopatologia da Vida Cotidiana" Freud dá o exemplo dessa mulher que, falando da situação recíproca dos homens e das mulheres, diz: para que uma mulher interesse aos homens é preciso que ela seja bonita, o que não é dado a todo mundo, ela acrescenta na sua sentença, mas para um homem basta que ele tenha os cinco membros retos [NT: "droits": retos, rijos, arrumados...].

Tais expressões nem sempre são perfeitamente traduzíveis, e sou muitas vezes obrigado a fazer uma transposição completa, isto é, a recriar a palavra em francês. Lá seria quase necessário empregar o termo "totalmente rijo". A palavra "droit" não é de uso corrente, tão pouco corrente que tampouco o é em alemão. É preciso que Freud faça uma [NT: Falta alguma palavra aqui

que poderia ser "distinção".] entre os quatro membros e os cinco membros, apenas para explicar a gênese da coisa que dá contudo a tendência um tanto libertina que não é duvidosa.

O que Freud, em todo caso, nos mostra, é que a palavra não atinge tão diretamente o alvo nem em alemão nem em francês onde é traduzida por cinco membros retos, e que, por outro lado, dá isso por textual que o contexto exclui que a mulher apareça tão crua. É realmente um lapso, mas vocês vêem como isso se assemelha a um "dito espirituoso".

Logo, vemos que isto pode ser um "dito espirituoso", isto pode ser um lapso, diria até mais: isso pode ser, pura e simplesmente, uma tolice, uma ingenuidade linguística. Afinal, quando qualifico isso no meu paciente, que era um homem particularmente simpático, não era nele realmente um lapso, a palavra "maritamment:" fazia realmente parte, para ele, de seu léxico; ele não pensava de modo algum dizer algo de extraordinário. Há pessoas assim, que circulam na existência, pessoas que ocupam altos cargos, e que produzem palavras deste tipo. Dizem que um famoso produtor de cinema produzia algumas assim, por quilômetro, o dia todo. Dizia, por exemplo, ao concluir algumas de suas sentenças imperiosas: "et puis c'est comme ça, c'est signé qua non" [NT: "é assim, é assinado: não". A frase em francês torna-se homófona à expressão latina "conditio sine qua non", "condição sem a qual não...", "é assim, não se pode mudar"].

Não era lapso, era simplesmente um fato de ignorância e de tolice.

Quero apenas mostrar-lhes que convém pararmos um pouco ao nível dessa formação, e já que, em suma, falamos de lapso, o que, dentre tudo isso, nos toca de mais perto, vejamos um pouco o que ocorre ao nível dos lapsos. Da mesma maneira que falamos de "maritamment", voltemos para o lapso pelo qual passamos diversas vezes, para sublinhar justamente essa função essencial do significante, o lapso, seu eu posso dizer, original, na base da teoria freudiana, aquele que reinaugura a "Psicopatologia da Vida Cotidiana", após ter sido, aliás, a primeira coisa pública da primeira edição, que é o esquecimento do nome.

A primeira vista, um esquecimento e as coisas de que acabo de falar não são as mesmas coisas, mas se o que estou explicando tem seu alcance, a saber, se é realmente o mecanismo, o metabolismo do significante que está no princípio e na mola das formações do inconsciente, devemos encontrá-las todas alí, e o que distingue no exterior deve reencontrar sua unidade no interior. Então, agora, em vez de termos familiaridade, temos o contrário, temos alguma coisa que nos falta.

O que nos mostra a análise que faz Freud do esquecimento do nome, do nome próprio, estrangeiro?

Temos aí primícias de coisas às quais voltarei e darei seu desenvolvimento mais tarde, mas devo assinalar, em passant, a peculiaridade desse caso tal como Freud o apresenta.

O nome próprio é um nome estrangeiro. Lemos "A Psicopatologia da Vida Cotidiana" assim como lemos o jornal, e sabemos tanta coisa que pensamos que isso não merece que nós nos detenhamos em coisas que, contudo, foram os passos de Freud. Ora, cada um destes passos merece ser considerado, pois cada um é portador de ensinamentos e é rico em conseqüências.

Eu assinalo, pois, nesse particular, porque teremos de voltar ao assunto, que, a propósito de um nome, e de um nome próprio, nós estamos ao nível da mensagem. É alguma coisa cujo alcance teremos de reencontrar posteriormente. Não posso dizer tudo ao mesmo tempo, como os psicanalistas de hoje que são tão sábios que dizem tudo ao mesmo tempo, que falam do "je" e do "moi" como de coisas sem complexidade e que misturam tudo.

O que é importante é que nos detenhamos no que está ocorrendo. Que seja um nome estrangeiro ou um nome próprio, isto faz diferença. É um nome estrangeiro na medida em que seus elementos são estrangeiros à língua de Freud, a saber, que Signor não é uma palavra da língua alemã. Mas se Freud o assinala é justamente porque nós nos encontramos numa outra dimensão que a do nome próprio como tal, que, por assim dizer, se não fosse absolutamente próprio e particular não teria pátria. Todos eles estão mais ou menos ligados a sinais cabalísticos, e Freud ressalta que isso não é desprovido de importância. Ele não diz porquê, mas o fato que ele o isolou num capítulo inicial prova que ele pensa que é um ponto particularmente sensível da realidade que ele aborda.

Há outra coisa que Freud destaca imediatamente e sobre a qual costumamos não nos deter, é o que lhe pareceu digno de registro no esquecimento dos nomes, tanto que ele começa a evocá-los para abordar "A Psicopatologia da Vida Cotidiana". É que esse esquecimento não é um esquecimento absoluto, um buraco, uma hiância, é que outra coisa se apresenta em seu lugar, outros nomes. Aí está o que inicia, o que é o começo de toda ciência, isto é, a surpresa. Realmente não se pode ser surpreendido por aquilo que já se começou a receber um pouco senão se detém porque não se vê nada. Mas Freud, que conta precisamente com sua experiência de neurótico, vê aí alguma coisa, vê no fato que substituições se produzem, alguma coisa merece que se detenha nela.

Aqui vou apressar um pouco meu passo para que vocês observem toda a economia da análise que vai ser feita no tocante a esse esquecimento do nome, desse lapso no sentido que daríamos à palavra lapso onde o nome caiu.

Tudo vai se centrar em torno do que pode ser chamado uma aproximação metonímica. Por quê? Porque o que vai primeiro reaparecer são esses nomes de substituição: Signorelli, Botticelli.

Como Freud nos mostra que ele os entende de uma maneira metonímica? Vamos entender dessa maneira, e é por isso que eu dou essa volta pela análise de um esquecimento, é que a presença desses nomes, seu aparecimento em lugar do Signorelli esquecido se situa ao nível de uma formação que tampouco é de substituição, mas de combinação. Não há nenhuma relação perceptível na análise que Freud faria do caso entre Signorelli, Boltraffio [NT: Boltrasic no original] e Botticelli, a não ser relações indiretas ligadas unicamente a fenômenos de significante. Botticelli, diz ele, e vou considerar inicialmente apenas o que ele nos diz.

Devo dizer que é uma das demonstrações mais claras que Freud já tenha dado de mecanismos de análise de um fenômeno de formação e de deformação ligado ao inconsciente. Isso não deixa nada a desejar em matéria de clareza. Sou obrigado, para a clareza de minha exposição, de apresentar-lhes de um modo indireto, dizendo: é o que Freud diz. O que Freud diz impõe-se no seu rigor. Em todo caso o que ele diz é dessa ordem, a saber, é que Botticelli está aí porque é o resto na sua última metade, e "elli" de Signorelli descompletado pelo fato que o Signor é esquecido; "bo" é o resto, o descompletado de Bósnia Herzegovina, na medida em que o "Herr" é recalcado. O mesmo ocorre para Boltraffio [NT: Boltracio no original], é o mesmo recalque do "Herr" que explica que Boltraffio [NT: Boltracio no original] associa o "bo" de Herzegovina ao Trafoi, que é uma localidade que antecede imediatamente aventuras dessa viagem, aquela onde soube do suicídio de um de seus pacientes por razão de impotência sexual, isto é, o mesmo termo que aquele que evocou na conversação que antecedia imediatamente com a pessoa que está no trem entre Ragusa e Herzegovina, e que lhe evoca esses turcos, esses muçulmanos que são pessoas tão simpáticas que quando o médico não conseguiu curá-los dizem: "Herr (Senhor), sabemos que você fez todo o possível, mas, contudo", etc... O "Herr", o peso próprio, o acento significativo, a saber, esse algo que está no limite do dizível, esse "Herr" absoluto que é a morte, essa morte, como diz La Rochefoucauld, "que, como o sol, não pode ser encarada frente a frente", e que, efetivamente, Freud, como muitos outros, não pode mais encarar frente a frente. Embora ela lhe seja presentificada por sua função de médico, de um lado, por uma certa ligação tão manifestamente presente, ela, por outro lado, tem um acento muito pessoal.

Essa ligação, naquele momento, de uma maneira indubitável no texto, justamente entre a morte e alguma coisa que tem uma relação muito estreita com a potência sexual, não está, muito provavelmente, unicamente no objeto, isto é, naquilo que lhe presentifica o suicídio de seu paciente.

Isto vai certamente mais longe. O que quer dizer? Isto quer dizer que tudo o que encontramos são as ruínas metonímicas a propósito de uma pura e simples combinação de significantes: Bósnia, Herzegovina, são as ruínas metonímicas do objeto de que se trata que está por trás dos diferentes elementos particulares que vieram atuar ali, e num passado imediato que está por trás disso, o "Herr" absoluto, a morte. É na medida em que o "Herr" absoluto passa para outro lugar, desaparece, recua, é recalcado, está em toda a expressão do termo "Unterdrück" que há duas palavras com as quais Freud brinca de uma maneira ambígua. Este "Unterdrück", já traduzi como caído nos baixos [NT: tombé dans les dessous], na medida em que o "er" aqui, ao nível do objeto metonímico, correu nesta direção, e por uma razão muito boa, é que ele corria o risco de estar excessivamente presente em decorrência dessas conversações, que como "Ersatz" nós encontramos os fragmentos, as ruínas do objeto metonímico, a saber, esse "bo" que aparece para se compor com a outra ruína do nome é, naquele momento, recalcado, a saber, "elli", para não aparecer no outro nome de substituição que é dado.

Isto é o rasto, é o índice que temos do nível metonímico que nos permite reencontrar a cadeia do fenômeno no discurso, no que pode ser ainda presentificado nesse ponto em que, na análise, se situa o que nós chamamos de associação livre, na medida em que essa associação livre nos permite seguir a pista do fenômeno inconsciente.

Mas não é só isso, vale registrar que nem o Signorelli, nem o Signor jamais foram lá onde nós encontramos os rastos, os fragmentos do objeto metonímico quebrado. Posto que é metonímico, ele já está quebrado. Tudo o que ocorre na ordem na linguagem, se apresenta sempre cumprido. Se o objeto metonímico se fragmenta já tão facilmente é porque já há qualidade de objeto metonímico, ele é apenas um fragmento da realidade que ele representa.

Se o Signor não é evocável, se é ele que faz com que Freud não possa reencontrar o nome de Signorelli, é que ele está implicado. Ele está envolvido, evidentemente, de uma maneira indireta, uma vez que, para Freud, o "Herr" que foi efetivamente pronunciado num momento particularmente significativo da função que ele pode tomar como "Herr" absoluto, como representante dessa morte que é, nessa oportunidade, "Unterdrück", é que o "Herr" pode simplesmente se traduzir por Signor. É aqui que reencontramos o nível substitutivo, pois a substituição é a articulação, o meio significante onde se instaura o ato da metáfora. Mas isto não significa que a substituição seja a metáfora. Se eu lhes ensino aqui a proceder, em todos os caminhos, de uma maneira articulada, não é precisamente para que vocês se entreguem o tempo todo a abusos de linguagem. Digo-lhes que a metáfora se produz no nível da substituição, isso quer dizer que a substituição é uma possibilidade de articulação do significante, e que a metáfora ali se exerce com sua função de criação de significado nesse lugar onde a substituição pode se produzir. São duas coisas diferentes. Da mesma forma a metonímia e a combinação são duas coisas diferentes.

Destaco isso para vocês, de passagem, porque é nessas não-distinções que se introduz o que se chama de abuso de linguagem, que é tipicamente caracterizado por isso: que no que se pode definir em termos lógico-matemáticos como um conjunto ou um subconjunto, quando há apenas um elemento não se deve confundir o conjunto em questão ou o subconjunto com esse elemento particular.

Isso pode ser útil para as pessoas que fizeram a crítica de minhas histórias de...

Voltemos, pois, ao que ocorre ao nível de Signor e de "Herr". Simplesmente alguma coisa tão simples como esta é evidentemente o que ocorre em toda tradução: a ligação substitutiva de que se trata é uma substituição que se chama de heteronímia. A tradução de um termo numa língua estrangeira no plano do ato substitutivo, na comparação requerida pela existência ao nível do fenômeno da linguagem, de vários sistemas linguísticos, se chama substituição heterônima.

Vocês vão dizer que essa substituição heterônima não é uma metáfora. Concorde, só preciso de uma coisa, é que ela seja uma substituição. Só faço seguir o que vocês são forçados a admitir lendo o texto. Em outras palavras, eu quero que vocês tirem de seu saber precisamente isto, que vocês o saibam. Mais do que isto, eu não inovo, tudo isso vocês devem admiti-lo se admitirem o texto de Freud.

Então, se Signor está envolvido, é realmente porque há alguma coisa que o liga àquilo cujo fenômeno da decomposição metonímica é um sinal para vocês, no ponto onde ele se produz, e que consiste nisto: que o Signor é um substituto do "Herr".

Não preciso de mais nada para dizer-lhes que se o "Herr" seguiu para lá, o Signor, assim como indica a direção das setas, deslocou-se para lá. Não somente deslocou-se para lá, mas podemos admitir, até que eu volte ao assunto, que é lá que ele começa a girar, isto é, que ele é devolvido como uma bola entre o código e a mensagem, que ele gira em círculo no que se pode chamar - lembrem-se que eu lhes deixei entrever, há tempo, como possibilidade do mecanismo do esquecimento e também da rememoração analítica como sendo alguma coisa que devemos conceber como extremamente aparentadas às memórias de uma máquina, do que está na memória de uma máquina, isto é, do que gira em círculo até reaparecer, até que se precise disso, e que é forçado a rodar em círculo para constituir uma memória. Não se pode realizar de outro modo a memória de uma máquina, é alguma coisa cuja aplicação encontramos muito curiosamente no fato que se podemos conceber o Signor como girando indefinidamente até que ele seja reencontrado entre o código e a mensagem, vocês vêem ali ao mesmo tempo a nuance que podemos estabelecer entre o "Unterdrückt" de um lado, e o "Verdrängt" [NT: fordren no original] do outro, pois se o "Unterdrückt" aqui só precisa ser feito uma vez por todas e em condições às quais o ser não pode descer, isto é, ao nível de sua condição mortal; por outro lado, está claro que é de outra coisa que se trata, isto é, que se isso é mantido no circuito sem poder entrar nele durante certo tempo, é bem preciso que admitamos o que Freud admite, a existência de uma força especial que o contém, e que o mantém, isto é, de uma "Verdrängung" propriamente dita.

No entanto, após haver indicado aonde eu quero chegar nesse ponto preciso e particular, eu lhes indico que, embora, com efeito, haja lá apenas substituição, há também metáfora. A cada vez que há substituição, há efeito ou indução metafórica. Não é exatamente a mesma coisa para alguém que é de língua alemã dizer Signor ou dizer Herr. Diria mais: é totalmente diferente que nos pacientes que são bilingues ou que simplesmente sabem uma língua estrangeira e que tendo em determinado momento alguma coisa a dizer, eles o dizem em outra língua. Isto é para eles, podem ter certeza, muito mais cômodo; não é nunca sem razão que um paciente passa de um registro para outro. Se ele é verdadeiramente poliglota isto faz sentido; se ele conhece imperfeitamente a língua à qual ele se refere, isto naturalmente não tem o mesmo sentido; se ele é bilingue de nascença, isto tampouco tem o mesmo sentido. Mas em todos os casos, isto tem um sentido, e, em todo caso, aqui, provisoriamente, na substituição de Signor por Herr não havia metáfora, mas simplesmente substituição heterônima.

Volto ao assunto para dizer-lhes que nessa oportunidade Signor, ao contrário, para todo o contexto ao qual ele se prende, a saber, Signorelli, isto é, precisamente o afresco d'Orviero, isto vale dizer que, como o próprio Freud disse, a evocação das coisas últimas historicamente representa a

mais bela das elaborações desta realidade impossível a enfrentar que é a morte. É muito precisamente contando mil ficções - dando aqui à ficção o significado mais verídico - sobre o assunto dos fins últimos que nós metaforizamos, que nós amansamos, que nós fazemos entrar nessa linguagem esta confrontação à morte.

Portanto está bem claro que o Signor, aqui, na medida em que está ligado ao contexto de Signorelli, é esse algo que representa bem uma metáfora.

Eis, pois, aonde chegamos. Chegamos a isto: que nós nos aproximamos de alguma coisa que nos permite reaplicar, ponto por ponto, já que encontramos para eles um tópico comum, o fenômeno do Witz. A produção positiva do familionário, no ponto em que se produziu, é um fenômeno de lapso, de buraco. Poderia citar outro caso e fazer novamente a demonstração; poderia lhes dar como tarefa referir-se ao exemplo seguinte dado por Freud a propósito da sentença latina evocada por um de seus interlocutores: "Ex-oriare ex nostris ossibus" []. Arrumando um pouco as palavras, pois o ex está entre nostris e ossibus [], e deixando cair a segunda palavra indispensável à escansão, aliquis [], é a razão pela qual ele não pode fazer aparecer aliquis [].

Vocês só poderiam realmente entendê-los reportando-o à mesma grade [NT: grille: quadrinhos, tipo palavras cruzadas ou mensagens cifradas], sem essa mesma ossatura, com seus dois níveis: seu nível combinatório com esse ponto escolhido, onde se produz o objeto metonímico como tal, e, ao nível substitutivo, com esse ponto escolhido onde ele se produz, ao encontro das duas cadeias do discurso, de um lado, e, de outro, da cadeia significante, ao estado puro, ao nível elementar que constitui a mensagem.

Já vimos que o Signor está recalcado aqui no circuito mensagem-código, o Herr está unterdrück [reprimido] ao nível do discurso, pois foi o discurso que o precedeu, que captou esse Herr, e o que voltam a encontrar, o que lhes permite retomar as pegadas do significante perdido são: [NT: Palavra ilegível. Poderia ser "restos"] os restos [?] metonímicos do objeto.

Eis o que revela a análise do exemplo do esquecimento do nome em Freud. Daí em diante vai parecer-nos mais claramente o que podemos pensar do familionário.

O familionário é alguma coisa que, já vimos, em si mesmo tem alguma coisa de ambíguo e totalmente da mesma ordem que aquele da produção de um sintoma. Se ele for transferível, capaz de ser sobreposto ao que ocorre na economia significante da produção de um sintoma de linguagem, o esquecimento de um nome, devemos encontrar ao seu nível o que completa, o que deixe entender há pouco de sua dupla função, sua função de visada do lado do sentido, sua função neológica transtornante, perturbadora do lado de alguma coisa que se pode chamar de dissolução do objeto, a saber, não mais: "ele me admitiu ao seu lado como um igual, de uma maneira completamente familionária", mas essa alguma coisa de onde surge o que vamos chamar de familionário na medida em que, personagem fantástica e insignificante, ele aparenta-se a uma dessas criações como uma certa poesia fantástica que nos permite imaginar alguma coisa de intermediário entre o louco-milionário e a centopéia, que seria, porém, também uma espécie de tipo humano tal como se imagina, que passam, vivem e crescem nos interstícios das coisas, [NT: "melkosan" (?); mel e creme? mistura de nata?] ou alguma coisa análoga, mas, mesmo sem ir tão longe, passar na linguagem à maneira como, desde algum tempo, uma "respeitosa" quer dizer uma puta.

Esses tipos de criação são alguma coisa que tem seu valor ao introduzir em alguma coisa até então inexplorada. Fazem surgir esse algo que poderíamos chamar de ser verbal, mas um ser verbal pode ser também um ser simplesmente que tende a sempre mais a se encarnar. Então o familionário é alguma coisa que desempenha, parece-me, ou desempenhou, bastante papéis, não

apenas na imaginação dos poetas, mas na história. Não é preciso evocar que muitas coisas iriam ainda mais perto que esse milionário.

Gide em "Prometeu mal acorrentado" faz girar toda sua história em torno do que não é verdadeiramente o deus, mas a máquina, o banqueiro, Zeus, que ele chama de "Miglionário", a respeito de quem eu lhes mostrarei em Freud qual é a função essencial na criação do dito espiritual. Sem que se saiba se o "Miglionário" de Gide deve ser pronunciado à italiana ou à francesa, eu penso, pessoalmente, que ele deve ser pronunciado à italiana.

Em suma, se examinarmos milionário, vemos então na direção que eu lhes indico, que não está alcançada no nível do texto de Heine naquele momento, que Heine não lhe dá absolutamente sua liberdade, sua independência no estado de substantivo. Se, mesmo há pouco, eu o traduzi por totalmente milionariamente foi mesmo para lhes indicar que ficamos lá, no nível do advérbio, já que se pode brincar com as palavras, solicitar a língua na maneira de ser, e, cortando as coisas entre os dois vocês vêm toda a diferença que existe entre a maneira de ser e o que eu estava lhes indicando como direção, a saber, uma maneira de ser.

Nós não fomos até lá, mas vocês vêm que os dois são contínuos. Heine permanece ao nível da maneira de ser, e ele mesmo cuidou, ao traduzir seu próprio termo, de traduzi-lo justamente, não de uma maneira totalmente milionária, mas como o fiz há pouco, totalmente milionariamente.

O que totalmente milionariamente sustenta? Alguma coisa que, sem que cheguemos de modo algum a esse ser de poesia, alguma coisa de extraordinariamente rico, formigante, pululando ao modo como exatamente as coisas ocorrem ao nível da decomposição metonímica. Aqui a criação de Heinrich Heine merece ser recolocada no texto, no texto das termas de Lucca, no texto dessa familiaridade efetiva na qual vive Hirsch-Hyacinthe com o Barão Cristóforo Gumpelino [NT: No original: le baron Christophe Oroticobelino], que se tornou homem muito da moda que se espalha em toda sorte de cortesias e assiduidades junto às belas damas, e à qual se acrescenta a familiaridade fabulosa, surpreendente de Hirsch-Hyacinthe agarrado a ele. A função de parasita, de servidor, de doméstico, de comissionário dessa personagem, evoca para nós, de repente, uma outra decomposição possível da palavra milionário, sem contar que, por trás, eu não quero fazer alusão à função lamentável e comovedora das mulheres na vida desse banqueiro caricatural que Heine nos apresenta nessa ocasião, mas com toda certeza o lado esfomeante de sucesso, a fome que não é mais o le saincra fames [sic], mas a fome de satisfazer alguma coisa que até esse momento de acesso às mais altas esferas da vida foi-lhe recusado.

Isto nos permitiria traçar ainda, de outra maneira, a decomposição possível dessa palavra fâtu-milionário [fat-millionaire]. O fato-milionário é ao mesmo tempo Hirsch-Hyacinthe e o barão Christian... E é bem outra coisa, porque, por trás disso, há todas as relações da vida de Heinrich Heine, e também suas relações com os Rothschilds, singularmente milionários.

O importante é que vocês vêm nesse dito espiritual [mot d'esprit] essas duas vertentes da criação metafórica em um sentido, no sentido do sentido, no sentido em que essa palavra tem efeito, comove, é rica de significação psicológica, e, no momento, atinge o alvo, e nos prende, pelo seu talento, ao limite da criação poética, e, como, por outro lado, numa espécie de reverso que não é forçosamente imediatamente percebido, a palavra pela virtude de combinações que poderíamos estender aqui indefinidamente, formiga de tudo o que em torno de um objeto pulula de necessidades nessa ocasião.

Fiz alusão a fames [NT: Deve ser uma referência a fâmes, fâmis, fome em latim]. Haveria também fama [NT: Outra referência ao latim, fama, famae, lenda, tradição; fama popularis, deve ser o caso: opinião pública, boa ou má fama, reputação, glória, renome], a saber, a necessidade

de brilho e de renome que pressiona a personagem do dono de Hirsch-Hyacinthe. Haveria também a infâmia profunda dessa familiaridade servil que resulta na cena dessas termas de Lucca, ao fato que Hirsch-Hyacinthe dá precisamente ao seu dono uma dessas purgas cujo segredo ele conhece, e que o mergulha nas dores da cólica no momento preciso em que finalmente ele recebe o bilhete da mulher amada, que lhe permitiria, em outra circunstância, chegar ao cúmulo dos seus votos.

Essa enorme cena de bufonaria dá, por assim dizer, as razões dessa familiaridade infame, e é alguma coisa que dá verdadeiramente seu peso, seu sentido, suas ligações, seu anverso e reverso, seu lado metafórico e seu lado metonímico, a essa formação do dito espirituoso [mot d'esprit], e que, contudo, não é a essência dele, pois agora que temos as causas e as conseqüências, a criação de sentido de familionário que implica também um resíduo, é alguma coisa que é eliminado. É forçosamente alguma coisa que está do lado de Heinrich Heine, alguma coisa que vai se colocar, como o Signor de há pouco tempo, a rodar entre o código e a mensagem. Quando, por outro lado, temos também do lado da coisa metonímica todas essas quedas de sentido que são todas elas faíscas, todos os respingos que ocorrem em torno da criação da palavra familionário, e que constituem sua irradiação, seu peso, o que faz disso para nós o valor literário, assim mesmo a única coisa que importa é o centro do fenômeno, a saber, o que se produz ao nível da criação significante, que o que faz com que isso seja um trocadilho [trait d'esprit] justamente e não simplesmente tudo o que lá está que se produz ao redor que nos coloque na pista de sua função considerada como centro de gravidade de todo esse fenômeno, que o que faz seu acento e seu peso deve ser procurado no próprio centro do fenômeno, isto é, ao nível da conjunção dos significantes, por um lado; por outro lado, já indiquei para vocês, ao nível da sanção que é dada pelo Outro a esta criação propriamente dita, por isto que o Outro [NT: l'autre, minúsculo, no original, nas duas referências] é que dá a esta criação significante valor de significante em si mesma, valor de significante em relação ao fenômeno da criação significante.

É nisto que reside a distinção do trocadilho [trait d'esprit] em relação ao que é puro e simples fenômeno, relação de sintoma, por exemplo, é nesta passagem para a função segunda que se encontra o trocadilho [trait d'esprit] propriamente dito. Mas, por outro lado, se não houvesse tudo aquilo que acabo de lhes dizer hoje, isto é, o que ocorre ao nível da conjunção significante que é seu fenômeno essencial e do que ela desenvolve como tal, na medida em que participa das dimensões essenciais do significante, a saber, a metáfora e a metonímia, não haveria nenhuma sanção possível, nenhuma distinção possível do trocadilho [trait d'esprit]. Por exemplo, em relação ao cômico, não haveria nenhuma distinção possível; ou em relação ao gracejo, ou em relação a um fenômeno bruto de riso.

Para entender o de que se trata no trocadilho [trait d'esprit] considerado como fenômeno de significante, é preciso que nós isolemos suas faces, suas peculiaridades, suas ligações, suas causas e conseqüências, ao nível do significante, e que o fato de que o S, alguma coisa que está no nível tão alto da elaboração significante, Freud o tenha parado para ver nele um exemplo particular das formações do inconsciente. É o que também nos detém, é também isso cuja importância vocês devem começar a entrever quando eu lhes mostrei nesse particular como ele nos permite avançar de uma maneira rigorosa num fenômeno ele mesmo psicopatológico como tal, a saber, o lapso.

AS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE

20 de Novembro de 1957

(3o seminário)

Jacques Lacan

Entramos pela porta do trocadilho [trait d'esprit] cujo exemplo princeps começamos a analisar na vez passada, o que Freud engastou sob a forma do dito espirituoso [mot d'esprit] "familiar", creditado, ao mesmo tempo, a Hirsch-Hyacinthe, isto é, a essa criação poética repleta de significado. Por isso, não é por acaso que é sobre esse fundo de criação poética que Freud escolheu seu exemplo princeps, e que nós mesmos encontramos, como sói acontecer, aliás, que esse exemplo princeps se encontrava particularmente apto a representar, a demonstrar o que queremos demonstrar aqui.

Sem dúvida, vocês viram, isto nos leva à análise do fenômeno psicológico em enfoque a propósito do trocadilho [trait d'esprit], ao nível de uma articulação significativa que, sem dúvida alguma, se isso os interessar, pelo menos espero, para grande parte de vocês, mesmo assim, é objeto, vocês o imaginam facilmente, de alguma coisa que pode se apresentar desconcertante. Eu quero dizer que, sem dúvida alguma, esse algo que surpreende, desconcerta a mente é bem o nervo dessa repetição que eu quero fazer aqui com vocês, da experiência analítica, e concerne ao lugar, e eu diria quase até certo ponto, a existência do sujeito, como alguém me perguntava e esse alguém estava bastante a par do assunto e entendia perfeitamente o que eu procuro explicar. Alguém formulou a pergunta: mas, então, o que acontece com esse sujeito? Onde está ele?

A resposta é fácil quando se trata de filósofos, já que era um filósofo que formulava essa pergunta na Sociedade de Filosofia onde eu falava. Estava com vontade de responder: mas, nesse particular, poderia devolver-lhes a pergunta e dizer-lhes que, precisamente, deixo a palavra aos filósofos. Afinal, não convém que todo o trabalho seja feito por mim.

Essa questão da elaboração da noção de sujeito requer, com toda certeza, uma revisão a partir da experiência freudiana. Se alguma coisa tiver de ser modificada ali, não é tampouco nada que deva surpreendernos. Em outras palavras, se Freud trouxe alguma coisa essencial, será que é o que nós podíamos aguardar? Ao ver os espíritos, particularmente os dos psicanalistas consternados, diria tanto mais fortemente, uma noção do sujeito, a que se encarna em tal maneira de pensar, simplesmente o eu [moi] que não é senão uma volta ao que poderíamos chamar de confusões gramaticais sobre a questão do sujeito, a identificação do eu [moi] com um poder de síntese que, com toda certeza, nenhum dado na experiência permite sustentar. Pode-se até mesmo dizer que não é necessário recorrer à experiência freudiana, não é necessário recorrer a ela para que uma simples inspeção sincera do que é a vida de cada um de nós, nos possibilita entrever que esta potência de síntese, pretensamente, é mais do que paralisada, e que, para dizer a verdade, exceto a ficção, não há realmente nada que seja experiência mais comum do que o que poderemos chamar não somente a incoerência de nossos motivos, mas eu diria mais ainda, o sentimento de sua profunda imotivação, de sua alienação fundamental que se Freud nos traz uma noção de um sujeito que funciona além, que este sujeito em nós tão difícil de aprender, que Freud nos mostre os motivos e a ação; é alguma coisa que certamente desde sempre deveria ter chamado a atenção, que esse sujeito na medida em que introduz uma unidade escondida, uma unidade secreta no que se apresenta a nós ao nível da experiência mais comum, nossa profunda divisão, nossa profunda fragmentação, nossa profunda alienação em relação aos nossos próprios motivos, que esse sujeito seja outro.

Será ele simplesmente uma espécie de duplo, de sujeito mau eu [moi], como disseram alguns, na medida em que contém, com efeito, muitas tendências surpreendentes, ou simplesmente,

15

outro eu; ou, como se poderia pensar ainda que eu digo mais, verdadeiro eu [moi] ? É realmente disso que se trata? Será simplesmente um duplo, pura e simplesmente um outro que podemos conceber estruturado como o eu [moi] da experiência?

Esta é a pergunta, eis porque nós trataremos do assunto neste ano, ao nível e sob o título, das formações do inconsciente.

Certamente, a questão já está presente, oferece uma resposta. Não é estruturado da mesma maneira: esse eu [moi] da experiência, alguma coisa nele se apresenta, que tem suas leis próprias. Há, na realidade, uma organização de suas formações que não somente tem um estilo, como também uma estrutura particular. Esta estrutura, Freud a aborda e a demonstra ao nível das neuroses, ao nível dos sintomas, ao nível dos sonhos, ao nível dos atos falhos, ao nível do *trait d'esprit*. Ele a reconhece única e homogênea. Toda a força do que ele nos expõe ao nível do *trait d'esprit*, e é bem por isto que eu o escolhi como porta de entrada; consiste nisto: é seu argumento fundamental para fazer do *trait d'esprit* uma manifestação do inconsciente.

Isso prova que ele é estruturado, que ele é organizado segundo as mesmas leis que as que encontramos no sonho. Essas leis, ele as lembra, ele as enumera, ele as articula, ele as reconhece na estrutura do *trait d'esprit*. São as leis da condensação; são as leis do deslocamento; essencialmente e antes de mais nada, alguma outra coisa adere a elas; ele nelas reconhece também o que chamei no fim de meu artigo para traduzir "considerações às necessidades da encenação". Ele a traz também como um terceiro-elemento.

Mas, pouco importa, aliás, que sejam nomeadas. O nervo do que ele traz, a chave de sua análise é esse reconhecimento de leis estruturais comuns. Isto permite reconhecer que um processo, como ele se exprime, foi atraído no inconsciente. É o que é estruturado segundo as leis estruturadas, segundo seus tipos. É disso que se trata quando se trata do inconsciente.

O que está ocorrendo? Está ocorrendo ao nível do que eu lhes ensino que estamos em condições, agora, isto é, depois de Freud, de reconhecer esse acontecimento tanto mais demonstrativo que ele realmente tem tudo para nos surpreender. Que essas leis, essa estrutura do inconsciente, isso pelo qual se reconhece um fenômeno como pertencente às formações do inconsciente, sejam estritamente identificáveis, engloba (e direi até mais): engloba de uma maneira exaustiva o que a análise lingüística nos permite identificar como sendo os modos de formações essenciais do sentido, na medida em que esse sentido é gerado pelas combinações do significante.

O termo significante toma um sentido pleno a partir de um certo momento da evolução da lingüística, aquele em que isolada a noção de elemento significante muito ligada na história concreta à definição da noção de fonema. Claro: unicamente localizada a essa noção, a noção de significante na medida em que ela nos permite aprender a linguagem ao nível de certo registro elementar; podemos defini-la duplamente como cadeia diacrônica e como possibilidade no interior dessa cadeia, possibilidade permanente de substituição no sentido sincrônico. Essa apreensão a um nível fundamental elementar das funções do significante é o reconhecimento, ao nível dessa função, de uma potência original que é precisamente aquela onde podemos localizar uma certa geração de alguma coisa que se chama o sentido, e alguma coisa que, em si, é muito rica de implicações psicológicas e que recebe uma espécie de complementação, sem sequer precisar ir mais longe na sua busca, de cavar mais longe seu sulco naquilo que o próprio Freud já preparou para nós nesse ponto de junção do campo da lingüística com o campo próprio da análise. Consiste em nos mostrar que esses efeitos psicológicos, que esses efeitos de geração do sentido não são absolutamente outra coisa, só se recobrem exatamente com aquilo que Freud nos mostrou como sendo as formações do inconsciente.

Em outras palavras, podemos perceber esse algo que permanece até agora elidido no que se pode chamar de lugar do homem, é muito precisamente isso: a relação estreita que há entre o fato que para ele existem objetos de uma heterogeneidade, de uma diversidade, de uma variabilidade realmente surpreendentes em relação aos objetos biológicos, pois o que podemos aguardar como sendo o correspondente de sua existência do organismo vivo, esse algo singular que apresenta um certo estilo, uma certa diversidade superabundante, luxuriante, e, ao mesmo tempo, inapreensível como tal, como objeto biológico, do mundo, dos objetos humanos, é alguma coisa que nesta conjuntura deve ser estreita e indissolivelmente relacionada à submissão, à subdução do ser humano pelo fenômeno da linguagem.

Claro, isto não deixou de aparecer, mas até certo ponto e de certa maneira mascarada; mascarada na medida em que o que é apreensível ao nível do discurso, e do discurso concreto, se apresenta sempre em relação a essa geração do sentido, em posição de ambigüidade, essa linguagem, com efeito, estando já voltada para os objetos que incluem em si mesmos alguma coisa da criação que eles receberam da própria linguagem, e alguma coisa que já pôde ser o motivo precisamente de toda uma tradição, e até de uma retórica filosófica, a que formula para si a pergunta no sentido mais geral da crítica do julgamento: o que vale a linguagem? O que representam essas conexões em relação às conexões as quais parecem chegar? Que ela formula para si mesma para refletir o que são as conexões do real.

É a tudo isto que chega realmente uma tradição de crítica, uma tradição filosófica cujo cume e ápice podemos definir por Kant, e já, de um certo modo que se possa interpretar, pensar a crítica de Kant como o mais profundo questionamento de todo espaço do real na medida em que ele é submetido às categorias a priori não somente da estética, como também da lógica; é realmente alguma coisa que representa um ponto-chave ao nível do qual a meditação humana parte novamente para reencontrar esse algo que não era percebido nessa maneira de formular a pergunta ao nível do discurso, ao nível do discurso lógico, ao nível da correspondência entre uma certa sintaxe do círculo intencional na medida em que ele se fecha em toda sentença; de retomá-lo por baixo e pelo lado deste livro da crítica do discurso lógico, e de retomar a ação da palavra nessa cadeia criadora onde ela é sempre suscetível de gerar novos sentidos por meio da metáfora da maneira mais evidente, por meio da metonímia de uma maneira que ficou - explicarei porque quando chegar a hora - até uma época bem recente, sempre profundamente ocultador.

Essa introdução já é bastante difícil para que eu volte ao meu exemplo "familiar" e que nós nos esforcemos em completá-los agora.

Chegamos à noção que no decorrer de um discurso precisamente intencional onde o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, alguma coisa ocorre que ultrapassa sua vontade, alguma coisa se apresenta como um acidente, como um paradoxo, como um escândalo, essa neo-formação se apresenta com traços, que não são de modo algum negativos, de uma espécie de base, de um ato falho como ela poder ser afinal. Mostrei-lhes equivalentes disso, coisas muito semelhantes, na ordem do puro e simples lapso - mas que, ao contrário, se encontram nas condições em que esse acidente ocorre, fica registrado, fica valorizado na categoria de fenômeno significativo, precisamente de geração de um sentido ao nível da neo-formação significante, de uma espécie de co-lapso, de significantes que lá se encontram, como diz Freud, comprimidos um com outro, encaixados um no outro, e que essa significação cria - e mostrei-lhes as nuances e o enigma, entre quê e quê, entre que evocação de modo de ser propriamente metafórico; ele me tratava de um modo inteiramente familiar, e que evocação de modo, de espécie de ser, de ser verbal bem perto de tomar essa animação singular cujo fantasma com o familiar já tentei agitar diante de vocês; o familiar na medida em que ele é sua entrada no mundo, como representativo de alguma coisa que, para nós, é muito suscetível de assumir uma realidade e um peso infinitamente mais consistentes que aqueles, mais apagados, do familiar, mas, a esse respeito, mostrei-lhes como há alguma coisa na existência

bastante animador para representar verdadeiramente uma personagem característica de uma época histórica. E indiquei-lhes que não era somente Heine que o havia inventado, falei-lhes do "Prometeu Mal Acorrentado" de Gide e de seu "milionário".

Seria muito interessante determo-nos um instante na criação gídiana do "Prometeu Mal Acorrentado". O milionário do "Prometeu Mal Acorrentado" é Zeus, o banqueiro, e nada é mais surpreendente do que a elaboração dessa personagem. Não sei por que, na lembrança que nos deixa a obra de Gide, eclipsada talvez pelo brilho fora do comum de "Paludes" do qual ele é, contudo, uma espécie de correspondência e de réplica da mesma personagem que se trata em ambos. Há muitos traços que estão ali para confirmar isto: o milionário em todos os casos é alguém que tem comportamentos singulares para com seus semelhantes, já que é ali que vemos sair a idéia do ato gratuito. Zeus, o banqueiro, na incapacidade em que se encontra de ter com qualquer outra pessoa um verdadeiro e autêntico intercâmbio, na medida em que ele é aqui identificado, por assim dizer, à potência absoluta, esse lado puro significante que há no dinheiro, questionando, por assim dizer, a existência de todo tipo de intercâmbio significativo possível, nada encontra de melhor para sair de sua solidão do que agir da seguinte maneira: como se exprime Gide de sair na rua segurando, na mão, um envelope contendo o que na época tinha seu valor, uma cédula de quinhentos francos, e, na outra mão, uma bofetada, se é que posso me expressar assim; capaz de fazer cair o envelope e de propor a quem o apanha amavelmente, de lhe propor escrever um nome no envelope, e, em troca disto lhe dá uma bofetada, e não é por nada que ele é Zeus, uma bofetada formidável que o deixa estonteado e ferido; depois, se afastar e enviar o conteúdo do envelope à pessoa cujo nome foi assim escrito por aquele a quem ele acaba de tratar tão rudemente.

Assim, ele se encontra numa situação de não ter ele mesmo nada escolhido, de ter compensado, por assim dizer, um malefício gratuito por um dom que não lhe deve absolutamente nada na medida em que sua escolha é a de restaurar, por assim dizer, pela sua ação, o circuito do intercâmbio, o qual não pode se introduzir a si mesmo de nenhuma maneira e por nenhum viés, de participar mais dessa maneira à força, por assim dizer, de gerar uma espécie de dívida da qual não participa em nada e cuja seqüência, aliás, vai se desenrolar na continuação do romance pelo fato que as duas personagens não chegarão mais elas mesmas a conjuntar, por assim dizer, o que elas se devem uma à outra: uma ficará praticamente cega de um olho e a outra morrerá em razão disso.

É toda a história do romance e, parece, em certo grau, se tratar de uma história profundamente instrutiva e moral, aproveitável para os fins que procuramos mostrar.

Eis, pois, nosso Heinrich Heine que se encontra em posição de ter criado essa personagem como fundo, mas nessa personagem de ter feito surgir com esse significante do familionário, a dupla dimensão da criação metafórica e, por outro lado, uma espécie de objeto metonímico novo, o familionário cuja posição podemos, em suma, situar aqui e aqui.

Mostrei-lhes na última vez, que para conceber a existência da criação significante que se chama o familionário, podíamos aqui reencontrar, embora, naturalmente, aqui a atenção não seja atraída desse lado, todos os fragmentos, todos os resíduos comuns à reflexão de uma criação metafórica sobre um objeto, a saber, todos os sub-significantes, todas as parcelas significantes nas quais podemos decompor o termo familionário, a fames, a fama, a infâmia, enfim, tudo o que quiserem, o famulus, tudo o que Hirsch-Hyacinthe é efetivamente para seu padrão caricatural, Christian Coumpelle. E aqui, nesse lugar, devemos sistematicamente procurar, a cada vez que nos deparamos com uma formação do inconsciente como tal, o que chamei os fragmentos do objeto metonímico que, com toda certeza, por razões que estão perfeitamente claras para experiências, se revelam naturalmente particularmente importantes quando a criação metafórica, por assim dizer, não saiu bem. Quero dizer quando não levou a nada como no caso que eu lhes mostrei do esquecimento de

um nome; quando o nome Signorelli é esquecido para reencontrar o indício desse buraco que encontramos ao nível da metáfora, os fragmentos metonímicos tomam ali toda sua importância.

O fato que, ao nível do desaparecimento do termo "Herr", é alguma coisa que faz parte de todo o contexto metonímico no qual "Herr" se isolou, a saber, o contexto Bosnia-Herzégovine, que nos permite restituí-lo, toma aqui toda sua importância.

Mas voltemos ao nosso familionário.

Nosso familionário ocorreu, pois, ao nível da mensagem. Mencionei para vocês que ali devemos nos encontrar ao nível do familionário com as correspondências metonímicas da formação paradoxal que apareceu ao nível do esquecimento do nome. No caso Signorelli devemos também encontrar alguma coisa que responda a subtração ou ao desaparecimento do Signor no caso do esquecimento do nome. Devemos encontrá-lo também ao nível do trait d'esprit.

Foi lá que paramos. Como podemos conceber, refletir no que ocorre ao nível do familionário, na medida em que a metáfora, aqui espiritual, tem êxito? Deve haver, até certo ponto, alguma coisa que corresponda, que marque, de algum modo, o resíduo, digamos, o resto da criação metafórica.

Uma criação diria isso imediatamente. Se não ficarmos fascinados pelo lado entificador que sempre nos faz manipular o fenômeno da linguagem como se se tratasse de um objeto, aprenderíamos simplesmente a dizer coisas evidentes, assim como procedem os matemáticos quando manipulam seus pequenos símbolos em x, a e b, isto é, sem pensar em nada, sem pensar naquilo que significam, uma vez que é precisamente o que nós procuramos, é o que ocorre ao nível do significante. Para saber o que isso significa não procuremos o que isso significa; está perfeitamente claro que o que é rejeitado, o que marca o resto ao nível da metáfora, o que sai, como resíduo de criação metafórica, é a palavra familiar.

Se a palavra familiar não apareceu, e se familionário apareceu em seu lugar, a palavra familiar, devemos considerá-la como tendo passado em algum lugar, como tendo o mesmo destino que aquela que eu designava na última vez como sendo reservado para Signor de Signorelli, isto é, indo prosseguir no seu pequeno circuito em algum lugar na memória inconsciente. É a palavra familiar.

Não devemos nos admirar que assim seja, pela simples razão que essa palavra familiar é justamente o que, na ocasião, corresponde efetivamente ao mecanismo de recalque no sentido mais usual, no sentido daquele cuja experiência temos ao nível de alguma coisa que corresponde a uma experiência passada, a uma experiência, digamos assim, pessoal, a uma experiência histórica anterior, e remontando muito longe, onde, claro, não seria mais o ser, naquele momento, tal como o próprio Hirsch-Hyacinthe, mas o de seu criador, a saber, Heinrich Heine.

Se, na criação poética de Heinrich Heine, a palavra familionário brotou de uma maneira tão feliz, pouco nos importa saber em que circunstância ele a encontrou. Talvez a tenha encontrado no decorrer de um dos seus passeios numa noite parisiense que ele devia terminar solitário, após os encontros que teve por volta do ano 1830, com o barão James Rothschild que o tratava de igual para igual, e de uma maneira bem "familionária". Foi talvez, naquele momento que ele a inventou e não a deixou cair da sua pena quando estava escrevendo na sua mesa. Mas pouco importa, ele teve esse achado muito feliz, e isso é muito bom.

Aqui, não vou mais longe do que Freud. Lido o primeiro terço do livro aproximadamente, após a análise de familionário, Freud retoma o exemplo ao nível do que ele chama de tendências do espírito, e identifica nessa criação, na formação desse trait d'esprit, identifica uma

engenhosa invenção, essa criação do Heine. É alguma coisa que tem seu correspondente no seu passado, nas suas relações pessoais de família. A palavra familionário é bem conhecida dele, porque através de Salomon de Rothschild, que ele representou na sua ficção, é somente outro familionário parente seu, o seu tio Salomon Heine, que desempenhou na sua vida o papel mais opressor, isso durante toda sua existência, tratando-o extremamente mal não lhe negando simplesmente o que ele podia esperar dele em qualquer plano concreto possível que fosse mas muito mais: encontrando-se na posição do homem que negou, que pôs obstáculo na vida de Heine à realização de seu amor maior, o amor que ele tinha para sua prima que precisamente não conseguiu desposar por essa razão essencialmente "familionária", que o tio era um milionário e que ele não o era. Portanto, Heine sempre considerou como uma traição o que não foi senão a consequência marcada de milionaridade.

Digamos que esse familiar que se encontra aqui, o que tem a função significativa maior no recalque correlativo da criação espiritual, é o significante que, no caso de Heine poeta, artista da linguagem, nos mostra de modo evidente a subjacência de uma significação pessoal em relação à criação, aqui espiritual ou poética. Essa subjacência está ligada à palavra, e não a tudo aquilo que pode ter confusamente acumulado a significação permanente na vida de Heine, de uma insatisfação e de uma posição muito singularmente colocada em posição de desequilíbrio em relação às mulheres em geral. Se esse algo intervém aqui, é pelo significante familiar como tal. Não há nenhum outro meio, no exemplo indicado, de encontrar a ação, a incidência do inconsciente, a não ser mostrando aqui a significação estreitamente ligado à presença do termo significante "familiar" como tal.

Naturalmente, tais observações são feitas para nos mostrar que quando entramos nessa via de ligar à combinação significativa, toda a economia do que está registrado no inconsciente, isso, claro, nos leva longe, e numa regressão que podemos considerar não como ad infinitum mas até a origem da linguagem. É preciso que consideremos todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metafóricamente geradas por conjunções significantes; e devo dizer que considerações como essa não estão certamente desprovidas de interesse. Temos sempre que aprender com o exame dessa história do significante.

Essa observação que faço incidentemente é feita simplesmente para lhes dar aqui uma ilustração, disto enquanto trato do assunto, a propósito dessa identificação do termo família como sendo o que está ao nível da formação metafórica recalcada, uma vez que, no final das contas, exceto se vocês lerem Freud ou tiverem simplesmente um pouco de homogeneidade entre o modo como vocês pensam enquanto estão em análise e o modo como vocês lêem um texto, vocês não pensam em família no termo familionário como tal, no termo "atterré" que analisei para vocês na última vez. Quanto mais a realização do termo "atterré" é feita, tanto mais ela vai no sentido de terror, e mais a terra é evitada, que, no entanto, é o elemento ativo na introdução significativa do termo metafísico "atterré".

Da mesma forma aqui, quanto mais longe vocês vão no sentido de familionário, quanto mais vocês pensam no familionário, isto é, no milionário que se tornou transcendente, por assim dizer, que se tornou algo que existe no ser, e não mais pura e simplesmente essa espécie de sinal, tanto mais a própria "família" tende a ser recalcada como termo agindo na criação da palavra familionário, eludida. Mas se, por um instante, vocês voltarem a se interessar por esse termo de família, assim como eu o fiz ao nível do significante, isto é, abrindo um dicionário Littré, do qual o sr. Chassé nos diz que dele Mallarmé tirava todas as suas idéias - o mais interessante é que ele tem razão, mas tem razão em um certo contexto, eu diria até que ali ele é flagrado no mínimo tanto quanto seus interlocutores; ele pensava ser inovador. Claro que ele está inovando porque ele cita um fato desconhecido. Se, com efeito, cada um pensasse no que é a poesia, não haveria verdadeiramente nada de surpreendente a constatar que Mallarmé devia interessar-se fortemente pelo significante. Simplesmente, uma vez que ninguém jamais abordou sequer o que é verdadeiramente a poesia, isto é, que se oscila entre não sei que teoria vaga e confusa sobre a comparação ou, pelo contrário, a

referência a não sei que termos musicais, é por aí que se quer explicar a pretensa ausência de sentido em Mallarmé, sem se dar conta absolutamente que deve haver uma maneira de definir a poesia em função das relações ao significante, que há uma fórmula talvez um pouco mais rigorosa, e que, a partir do momento em que se dá essa fórmula, é muito menos surpreendente que, nos seus sonetos mais obscuros, Mallarmé seja questionado.

Dito isto, penso que ninguém fará um dia a descoberta que eu também tirava todas as minhas idéias do dicionário Littré! Não é porque eu o abro que é disso que se trata.

Eu o abro, pois, e posso informar-lhes disso: que eu suponho que alguns de vocês podem conhecer, mas que, mesmo assim, tem seu interesse é que o termo familiar em 1881 é um neologismo. Uma consulta atenta de alguns bons autores que de lá para cá se debruçaram sobre este problema me permitiu de datar de 1865 o aparecimento da palavra familiar. Isso quer dizer que não se tinha o adjetivo familiar antes daquele ano. Por quê não o tínhamos?

Este é um assunto muito interessante. No final das contas, a definição que dá Littré é alguma coisa que diz respeito à família, ao nível, diz ele, da ciência política. Em resumo, a palavra familiar está muito mais ligada a um contexto como, por exemplo, o de alocações familiares do que a qualquer outra coisa. É na medida em que a família, em determinado momento, foi considerada, que foi possível abordá-la como objeto ao nível de uma realidade política interessante, isto é, na medida em que não estava mais completamente na mesma relação, na mesma função estruturante com o sujeito que ela havia sido sempre até certa época, isto é, de algum modo, incluída, tomada nas bases e nos próprios fundamentos do discurso do sujeito, sem sequer que se pense isolá-la por essa razão, que ela foi tirada do nível de objeto resistente, de objeto que se tornou propósito de uma manipulação técnica particular, que uma coisa tão simples como o adjetivo correlativo ao termo família vem à tona; razão pela qual vocês não podem deixar de perceber que, talvez, não seja tampouco alguma coisa indiferente ao nível do uso mesmo do significante família.

Seja o que for, tal observação é feita também para nos lembrar que não devemos considerar o que acabo de lhes dizer sobre a entrada no circuito do recalcado e do termo família ao nível do tempo Heinrich Heine, como tendo absolutamente um valor idêntico àquele que ele pode ter em nosso tempo, já que, pelo simples fato que o termo familiar não somente não é usável no mesmo contexto, mas mesmo não existe na época de Heine, basta mudar, por assim dizer, o eixo da função significante ligada ao termo família. É uma nuance que pode ser considerada nessa oportunidade como não desprezível.

É, aliás, graças a uma série de negligências dessa espécie que podemos pensar que compreendemos os textos antigos assim como os compreendiam os contemporâneos. No entanto, tudo nos anuncia que existem todas as possibilidades para que uma leitura ingênua de Homero não corresponda absolutamente em nada ao verdadeiro sentido de Homero, e que não é em vão certamente que estudiosos se dedicam a uma pesquisa esmerada e completa do vocabulário homérico como tal, na esperança de recolocar aproximadamente no lugar a dimensão de significação desses poemas. Mas o fato é que eles conservam o seu sentido, apesar de que, segundo toda probabilidade, uma boa parte do que se chama impropriamente o mundo mental, o mundo das significações dos heróis homéricos nos escapem completamente, e muito provavelmente nos escapará de uma maneira mais ou menos definitiva, é no plano da distância do significante ao significado que podemos entender que uma concatenação particularmente bem feita é o que caracteriza precisamente a poesia; significantes estes aos quais poderíamos agora e, provavelmente, indefinidamente, até o final dos séculos dar sentidos plausíveis.

Chegamos pois ao nosso familionário, e creio ter dado mais ou menos uma visão geral do que se pode dizer do fenômeno da criação do trait d'esprit no seu registro e na sua ordem própria.

Isso, talvez, nos permita cercar de mais perto a fórmula que podemos dar do esquecimento do nome de que falei na semana passada.

O que é esquecimento do nome? Neste caso é que o sujeito colocou diante do Outro, e ao próprio Outro enquanto outro a questão: quem pintou o afresco de Orvietto? E ele nada encontra.

Vale registrar, nesse caso, a importância que tem a preocupação que tenho de lhes dar uma formulação correta, sob pretexto de que a análise descobre que se ela não evoca o nome do pintor de Orvietto é porque a palavra Signor falta que vocês podem pensar que é Signor que é esquecido. Não é verdade. Primeiro, porque não é Signor que ele busca, é Signorelli que é esquecido, e Signor é o resíduo significante recalcado de alguma coisa que ocorre no lugar onde não se reencontra Signorelli.

Eu quero dizer o caráter totalmente rigoroso do que eu lhes digo. Não é absolutamente a mesma coisa lembrar-se de Signorelli ou de Signor. Quando vocês fizeram com Signorelli a unidade que isso comporta, isto é, quando vocês fizeram o nome próprio de um autor, a designação de um nome particular, vocês não pensam mais no Signor. Se o Signor foi separado do Signorelli, isolado no Signorelli, é em relação à ação de decomposição própria da metáfora, e na medida em que Signorelli foi incluído no jogo metafórico que resultou no esquecimento do nome, aquele que nos permite reconstituir a análise.

O que nos permite reconstituir a análise é a correspondência de Signor com "Herr" numa criação metafórica que visa o sentido que existe além de "Herr", o sentido que "Herr" tomou na conversação com a personagem que acompanha, naquele momento, Freud na sua pequena viagem rumo à foz de Catarro, e que faz com que "Herr" se tenha tornado o símbolo daquilo diante de que fracassa seu domínio de médico, de mestre absoluto, isto é, o mal que ele não cura, a personagem que se suicida apesar de seus cuidados, e, em resumo, a morte e a impotência que o ameaça a ele pessoalmente, Freud. Foi na criação metafórica que ocorreu essa fragmentação de Signorelli, que permitiu ao Signor que encontremos, com efeito, como elemento de passar em algum lugar. Não se deve dizer que é Signor que é esquecido, é Signorelli que é esquecido, e Signor é alguma coisa que encontramos ao nível do resíduo metafórico na medida em que o recalcado é esse resíduo significante. Signor é recalcado, mas ele não é esquecido, ele não pode ser esquecido já que não existia antes. Aliás, se ele pôde, com tanta facilidade, se fragmentar, é se desprender de Signorelli, é porque Signorelli é justamente uma palavra de uma linguagem estranha a Freud, o que é realmente impressionante, digno de registro e de experiência que vocês podem facilmente fazer, se tiverem alguma noção de uma língua estrangeira, e que vocês discernirem muito mais facilmente os elementos componentes do significante numa língua estrangeira do que na sua própria. Se vocês iniciarem o estudo de uma língua, vocês percebem entre as palavras, elementos de composição, relações de composições que vocês omitem completamente na sua própria língua. Na sua língua vocês não pensam as palavras, decompõem-as em radical e sufixo, ao passo que vocês fazem isso espontaneamente quando estudam um idioma estrangeiro. É por isso que uma palavra estrangeira é mais facilmente fragmentável e usável nos seus elementos e suas decomposições significantes, do que qualquer palavra de sua própria língua. Trata-se apenas de um elemento adjuvante do processo que pode também ocorrer com as palavras de sua própria língua, mas se Freud começou por esse exame do esquecimento de um nome estrangeiro, é porque ele é particularmente acessível e demonstrativo.

Então, o que há ao nível do lugar onde vocês não encontram o nome de Signorelli? Isso quer dizer precisamente que houve uma tentativa, nesse lugar, de uma criação metafórica. O esquecimento do nome, o que se apresenta como esquecimento do nome, é o que se aprecia no lugar de milionário. Não teria havido absolutamente nada se Heinrich Heine houvesse dito: ele me recebeu exatamente como um igual, exatamente.....

É exatamente o que ocorre no nível em que Freud procura seu nome de Signorelli, é alguma coisa que não sai, que não é criada, é lá que ele procura Signorelli, ele o procura lá indevidamente. Por quê? Porque no nível onde ele deve procurar Signorelli, devido à conversação que antecede, é esperada e chamada uma metáfora que concerne a esse algo que é destinado a fazer mediação entre o de que se trata no decorrer da conversação que Freud tem naquele momento no que dela recusa, a saber, a morte. É justamente aquilo de que se trata quando ele volta seu pensamento para o afresco de Orvietto, a saber, o que ele mesmo chama de coisas últimas, a elaboração, por assim dizer escatológica, que é a única maneira como ele pode abordar esse tipo de termo detestável, de termo impensável, por assim dizer, de seus pensamentos, esse algo onde ele deve assim mesmo parar. A morte existe, que limita o estado humano, que limita também sua ação de médico, e que dá igualmente um limite absolutamente irrefutável a todos os seus pensamentos.

É porque ele não encontra metáfora alguma na elaboração dessas coisas, como sendo as coisas últimas, que Freud se recusa a toda escatologia, a não ser sob a forma de uma admiração pelo afresco de Orvietto, que nada lhe vem, e que, no lugar onde ele procurou o autor - pois, no final das contas, é do autor que se trata, de nomear o autor - ele não produz nada, porque nenhuma metáfora dá certo, nenhum equivalente é passível de ser dado naquele momento ao Signorelli, porque o Signorelli tomou uma necessidade, é chamado naquele momento para uma forma significante bem diferente que a de seu simples nome que, naquele momento, é todavia solicitado para entrar no jogo à maneira de "atterré", o radical "ter" desempenha sua função, isto é, que ele se fragmenta e que ele se elide. A existência, em algum lugar, do termo Signor é a consequência da metáfora, que não logrou êxito, que Freud chama naquele momento em seu auxílio. É por isso que vocês vêem os mesmos efeitos que assinala como devendo existir ao nível do objeto metonímico, a saber, naquele momento, do objeto de que se trata, do objeto representado, pintado nas coisas últimas, Freud o tira: "não somente não encontrava o nome de Signorelli, mas nunca me lembrei tão bem, jamais visualizei tão bem naquele momento, o afresco de Orvietto, eu, diz ele, que "não sou" e, como sabemos por toda sorte de outros traços, pela forma de seus sonhos em particular, "eu que não sou tão imaginativo assim".

Se Freud pôde fazer todos esses achados, é muito provavelmente no sentido em que ele era muito mais aberto, muito mais permeável ao jogo simbólico do que ao jogo imaginário; e ele mesmo observa essa intensificação da imagem ao nível da lembrança, essa reminiscência mais intensa do objeto de que se trata, a saber, a pintura, e até o rosto do próprio Signorelli que ali está na postura em que aparecem, nos quadros daquela época, os doadores, algumas vezes, o autor. Há Signorelli no quadro e Freud o visualiza. Logo, não há uma espécie de esquecimento puro e simples, maciço, por assim dizer, do objeto; pelo contrário, há uma relação entre o revivescimento, a intensificação de alguns desses elementos e a perda de outros elementos, de elementos significantes ao nível simbólico, e nós encontramos, naquele momento, o sinal de que está ocorrendo ao nível do objeto metonímico, ao mesmo tempo que podemos formular, pois, o que ocorre nessa fórmula do esquecimento do nome, mais ou menos assim:

X	Signor
Signor	Herr

Ali encontramos a fórmula da metáfora na medida em que se exerce por um mecanismo de substituição de um significante S a outro significante S'.

O que está ocorrendo como consequência dessa substituição do significante S a outro significante S'? Ocorre o seguinte: a nível de S' ocorre uma mudança de sentido, a saber que o sentido

de S', digamos s', torna-se o novo sentido que chamaremos s, na medida em que corresponde ao S maiúsculo.

Mas, na verdade, para não deixar subsistir ambiguidade no vosso espírito, isto é, vocês podem crer que se trata aí dessa topologia, que o s minúsculo é o sentido do S maiúsculo e que o S seja relacionado com S' para que o s minúsculo possa produzir a esse título somente o que chamam de s'. É a criação desse sentido que é a finalidade, funcionamento da metáfora. A metáfora tem sempre êxito na medida em que isso sendo executado, o sentido sendo realizado, o sentido tendo entrado em função no sujeito, S e s, exatamente como numa fórmula de multiplicação de fração, se simplificam e se anulam.

É na medida em que "atterré" termina por significar o que ele é realmente para nós na prática, a saber, mais ou menos atingido pelo terror, que o "ter" que serviu de intermediário entre "atterré" e "abattu" de um lado, o que, propriamente dito, é a distinção mais absoluta, não há nenhuma razão para que "atterré" substitua "abattu", mas que o "ter" que se encontra aqui por ter servido a título homonímico, trouxe esse terror, que o "ter" em ambos os casos pode se simplificar. É um fenômeno da mesma ordem que se produz ao nível do esquecimento do nome.

Se vocês quiserem compreender bem o de que se trata, não é de uma perda do nome de Signorelli, é de um X que introduzo aqui porque vamos aprender a identificá-lo e vocês a fazer uso dele; Este X, é este apelo da criação significativa cujo lugar reencontraremos na economia de outras formações inconscientes. Vou dizê-lo agora: é o que ocorre ao nível do que se chama o desejo do sonho. Eu lhes mostrarei como nós o reencontramos, mas lá nós o vemos de uma maneira simples no lugar onde Freud devia reencontrar Signorelli. Ele nada encontra, não simplesmente porque Signorelli desapareceu, mas porque naquele nível é preciso que ele crie alguma coisa que satisfaça àquilo que é a questão para ele, a saber, as coisas últimas, e na medida em que este X está presente, alguma coisa que é a formação metafórica tende a se produzir, e nós o sabemos por causa disto: o termo Signor aparece ao nível de dois termos significantes opostos, de duas vezes o valor de S', e que a esse título é que ele sofre o recalçamento na qualidade de Signor, que ao nível do X nada ocorreu e é por isso que ele não encontra o nome, e que o "Herr" desempenha o papel do lugar que ele ocupa como objeto metonímico, como objeto que não pode ser nomeado, como objeto que só é nomeado por alguma coisa que está nas suas conexões. A morte é o "Herr" absoluto. Mas quando se fala do "Herr" não se fala da morte porque não se pode falar da morte, porque a morte é muito precisamente, ao mesmo tempo, o limite e provavelmente também a origem de onde parte toda a palavra.

Eis, portanto, aonde nos leva a comparação, o estabelecimento de relação, termo a termo, da formação do trait d'esprit com essa formação inconsciente cuja forma vocês vêem agora aparecer melhor na medida em que ela é aparentemente negativa. Ela não é negativa. Esquecer um nome, não é simplesmente uma negação, é uma falta, mas uma falta - temos sempre tendência ir muito depressa - desse nome. Não é porque esse nome não é agarrado que é a falta, é a falta desse nome que faz que, procurando o nome, essa falta no lugar onde esse nome deveria exercer essa função, onde ele não pode mais exercê-la, pois um novo sentido é exigido, que exige uma nova criação metafórica. É por isso que o Signorelli não é reencontrado, mas que, por outro lado, os fragmentos são encontrados em algum lugar, lá onde eles devem ser reencontrados na análise, lá onde eles desempenham a função do segundo termo da metáfora, a saber, do termo elidido na metáfora.

Isso pode parecer-lhes complicado, mas pouco importa se simplesmente vocês se deixam conduzir pelas aparências. Que por mais complicado, num caso particular, que isso possa lhes parecer, isso é muito rico de conseqüências nisto: é que se vocês se lembram disso quando for preciso, isso lhes possibilitará esclarecer o que ocorre na análise de tal ou tal formação inconsciente, de constatar isso de modo satisfatório, e, por outro lado, verificar que elidindo-a, não a levando em conta, vocês sejam conduzidos ao que se chamam as entificações ou identificações muito grosseiras,

sumárias, senão geradoras de erros, pelo menos, confluindo, tendendo a sustentar os erros de identificações verbais que desempenham um papel tão importante na construção de uma certa psicologia da preguiça precisamente.

Voltemos ao nosso *trait d'esprit*, e ao que se deve pensar dele. Gostaria de introduzi-los a outra espécie de distinção que corresponde, de certo modo, àquilo por que comecei, a saber, a questão do sujeito.

A questão do sujeito, o que significa isso? Se o que eu lhes disse há pouco tempo é verdade, se é que sempre o pensamento consiste apenas em fazer do sujeito aquele que se designa como tal no discurso, eu faço observar que o que o distingue, que o que o isola, que o que o opõe, é alguma coisa que poderemos definir como a oposição do que eu chamaria o dizer do presente com o presente do dizer.

Isso tem a aparência de um trocadilho, não é de modo algum trocadilho. Dizer do presente, isso quer dizer que o que se diz "eu" [je] no discurso - aliás em comum com uma série de outras partículas com "Herr" por exemplo, e poderíamos colocar aqui, agora, outras palavras tabu em nosso vocabulário - é esse algo que serve para detectar no discurso a presença do falante, mas que o detecta na sua atualidade de falante. Basta ter o menor conhecimento ou experiência da linguagem para ver que naturalmente o presente da linguagem, a saber, o que há presentemente no discurso é uma coisa completamente diferente dessa identificação do presente no discurso. O que ocorre ao nível da mensagem, isto é que é o presente do discurso. Isso pode ser lido em todo tipo de modos, em todo tipo de registros, isso não tem nenhuma relação de princípio com o presente na medida em que é designado no discurso como presente daquele que o suporta, a saber, alguma coisa perfeitamente variável e para a qual, aliás, as palavras só têm realmente um valor de partícula. Eu não tenho mais valor aqui do que em aqui ou agora. Prova disso é que quando vocês me falam de aqui ou agora e que vocês são meus interlocutores, quem fala disso, você não fala do mesmo aqui ou agora, você fala do aqui ou agora de que eu falo, eu. Em todo caso, seu eu certamente não é o mesmo que o meu. São palavras muito simples destinadas a fixar em algum lugar o eu no discurso.

Mas o presente do próprio discurso é alguma coisa completamente outra, e eu vou imediatamente lhes dar uma ilustração disso ao nível do *trait d'esprit*, o mais curto que eu conheça, que vai, aliás, nos introduzir, ao mesmo tempo, em outra dimensão da dimensão metafórica.

Há outra. Se a dimensão metafórica é a que corresponde à condensação, falei ainda há pouco do deslocamento, ele deve estar em algum lugar, ele está na dimensão metonímica. Se não a abordei ainda, é porque ela é muito mais difícil de ser apreendida, mas justamente esse *trait d'esprit* nos será particularmente favorável para que nós a possamos sentir e é disso que vou falar hoje.

A dimensão metonímica, na medida em que pode entrar no *trait d'esprit*, é aquela que é de contexto e de emprego de combinações na cadeia de combinações horizontais. É, portanto, alguma coisa que vai se exercer, associado os elementos já conservados no tesouro, por assim dizer, das metonímias; é na medida em que uma palavra pode estar ligada de modo diferente em dois contextos diferentes, o que lhes dará dois sentidos completamente diferentes, que, sendo retomada de certo modo, nós nos exercitamos propriamente falando no sentido metonímico.

Disso eu lhes darei o exemplo *princeps*, ele também, na próxima vez, sob a forma desse *trait d'esprit* que posso lhes anunciar para que vocês nele meditem antes que eu aborde o assunto. É aquele que ocorre quando Heinrich Heine está com o poeta Frédéric Soulier num salão, e quando este lhe diz ainda a propósito de uma pessoa muito rica que era muito conhecida naquela época como vocês vêem e de quem ele diz, porque estava muito cortejado - quem fala é Soulier - "você vê, meu

prezado amigo, o culto do bezerro de ouro não terminou. - Oh, responde Heinrich Heine, após ter olhado a personagem, em se tratando de um bezerro, parece-me que já passou um pouco da idade".

Eis o exemplo do mot d'esprit metonímico. Insisto: eu o descascarei da próxima vez.

É na medida em que a palavra bezerro é tomada em dois contextos metonímicos diferentes, e unicamente a esse título, que se trata de um mot d'esprit, pois, na realidade, não acrescenta nada ao significado do trait d'esprit o fato de dar-lhe seu sentido, isto é, essa personagem é um animal. É gozado dizer isso, mas é um trait d'esprit na medida em que de uma réplica para outra, bezerro foi tomado em dois contextos diferentes e exercidos como tais.

Se não estiverem convencidos disso, voltaremos ao assunto na próxima vez, isso para voltar ao trait d'esprit pelo qual eu quero, mais uma vez, que vocês sintam o de que se trata quando eu digo que o trait d'esprit exerce ao nível do eu do significante e que se pode demonstrar isso numa forma ultrabreve.

Uma moça em potencial a quem poderemos dar todas as qualidades da verdadeira educação, a que consiste em não dizer palavrões, mas em conhecê-los, na sua primeira surprise-party ["assustado", festa surpresa] é convidada por um cortejador que lhe diz após um momento de tédio e de silêncio numa dança aliás imperfeita; "Você viu, senhorita, que eu sou conde?" - "At" responde ela simplesmente. [Comte = Conde; Comtat = Condado; Contact = Contato; Contenter = Contentar].

Isto não é uma anedota, eu penso que vocês a leram em pequenos livros especiais e que vocês puderam ouvi-la da boca de seu autor que estava bastante satisfeito, eu posso garantir. Mas, assim mesmo, apresenta caracteres particularmente exemplares, pois o que vocês vêem aí, é justamente a encarnação, por essência, do que chamei o presente do discurso. Não há eu, o eu não se nomeia. Não há nada mais exemplar do presente do dizer na qualidade de oposto ao dizer do presente que a exclamação pura e simples, a exclamação é o tipo mesmo da presença no discurso na medida em que aquele que fala apaga completamente seu presente; seu presente é, por assim dizer, inteiramente lembrado no presente do discurso.

No entanto, a esse nível de criação, o sujeito mostra essa presença de espírito, pois uma coisa dessa natureza não é premeditada, aparece assim, e é assim que se reconhece que alguém tem espírito. Ela acrescenta essa simples modificação ao código que consiste em acrescentar-se a ele esse pequeno t que extrai todo seu valor do contexto, por assim dizer, a saber que o conde [comte] não a contenta, com essa pequena diferença que o conde, se ele é como digo, tão pouco contentador, pode não se aperceber de nada. O mot d'esprit é completamente gratuito. No entanto vocês vêem ali o mecanismo elementar do trait d'esprit, a saber, que a leve transgressão do código é tomada por ela mesma na qualidade de novo valor permitindo gerar instantaneamente o sentido de que se precisa.

Este sentido, qual é? Pode parecer-lhes que ele não é duvidoso, mas, afinal, a moça bem educada não disse ao seu conde que ele era o que ele era menos um t, nada lhe disse de semelhante. O sentido que é para ser criado é justamente isso que se situa em algum lugar em suspenso entre o eu [moi] e o Outro. É uma indicação que há alguma coisa que, pelo menos por hora, deixa a desejar. Por outro lado, vocês vêem bem que esse texto não é de modo algum transponível: se a personagem houvesse dito que ele era marquês, a criação não seria possível.

É bem evidente que, segundo a boa velha fórmula que fazia a alegria de nossos avós no século passado: "Como vais?" [Comment vas-tu?], perguntava-se e respondiam: "e lona para colchão" [Bien, merci. Et toi(le à matelas)?]; era melhor não responder: "e lona para edredão". Vocês poderão sempre me dizer que era uma época em que se tinha prazeres simples.

Este "at", vocês o percebem ali sob a forma mais breve, sob uma forma incontestavelmente fonemática, já que é a composição mais breve que se possa dar a um fonema. É preciso que haja dois traços, uma consoante apoiada numa vogal, ou uma vogal apoiada numa consoante, mas uma consoante apoiada numa vogal sendo a fórmula clássica. Aqui, é uma consoante apoiada numa vogal, e isso basta amplamente para constituir sua mensagem tendo valor de mensagem, na medida em que referência paradoxal ao atual emprego das palavras e dirigindo como tal o pensamento do Outro para alguma coisa que é essencialmente apreendida instantânea do sentido.

É isso que se chama ser espiritualoso, é isso também que, para vocês, inicia o elemento propriamente combinatório sobre o qual se apoia toda metáfora, pois se eu lhes falei muito hoje também da metáfora, é no plano, mais uma vez, da localização do mecanismo substitutivo que é um mecanismo com quatro termos, os quatro termos que constam da fórmula que eu lhes dei n'A Instância da Letra, e da qual vocês vêem, algumas vezes, tão singularmente o que é a operação, pelo menos na forma, a operação essencial da inteligência, isto é, formular o correlativo do estabelecimento com um X de uma proporção.

Quando vocês se submetem a testes de inteligência, não se trata de outra coisa. Todavia isto não basta para dizer que o homem se distingue dos animais pela sua inteligência, de uma maneira totalmente bruta. Talvez ele se distinga do animal pela sua inteligência, mas talvez neste fato de ele se distinguir pela sua inteligência, a introdução essencial de formulações significantes ali seja primordial.

Noutros termos, aliás, para melhor formular as coisas, para por no seu lugar a questão da pretensa inteligência dos homens como sendo a fonte de sua realidade mais (+) X, seria necessário começar a se perguntar: inteligência de que? O que há para ser entendido? Será que com o real, é tão importante entender de que se trata? Se é pura e simplesmente de uma relação ao real de que se trata, nosso discurso deve conseguir certamente restitui-lo na sua existência do real, isto é, não deve levar, propriamente falando, a nada. É o que faz, aliás, em geral, o discurso. Se chegamos a outra coisa, se pudemos mesmo falar de uma história tendo um fim num certo saber, é na medida em que o discurso trouxe nela uma transformação essencial.

É realmente disso que se trata e, talvez, simplesmente, desses quatro pequenos termos ligados de uma certa maneira que se chamam relações de proporção. Essas relações de proporção, temos mais uma vez tendência a entificá-las, isto é, a crer que nós as tiramos dos objetos; mas onde estão, nos objetos, estas relações de proporção se nós não as introduzimos com o auxílio de nossos pequenos significantes? Daí resulta que para que o jogo metafórico seja possível, é preciso que ele se baseie sobre alguma coisa onde haja alguma coisa a substituir, sobre o que é a base, isto é, a cadeia significativa, a cadeia significativa considerada como base, como princípio da combinação, como lugar da metonímia. É o que tentaremos abordar na próxima vez..